



ASSISTÊNCIA E MILITARIZAÇÃO NA ORDEM DOS HOSPITALÁRIOS

Bruno Mosconi Ruy (Mestrado/PPH-UEM) – smith.bruno@hotmail.com

Dr. Jaime Estevão dos Reis (DHI/PPH-UEM) – jaimereis@wnet.com.br

Resumo: Apoiados em uma análise eminentemente historiográfica, objetivamos traçar neste trabalho uma breve apreciação sobre o processo de militarização dos Hospitalários na Idade Média. Durante o século XI, a Ordem do Hospital foi dinamizada para auxiliar peregrinos no caminho à Terra Santa, e sua estruturação foi estimulada pela generosidade dos fiéis e pela assistência principesca (DEMURGER, 2002, p. 27-28). Tal movimento de reforma religiosa estimulou o surgimento de muitas casas contemplativas, capazes de proporcionar condições mais dignas a quem quer que lhes clamasse por ajuda (NICHOLSON, 2001, p. 1-4). Com o estabelecimento do reino de Jerusalém, no ano de 1100, essa reforma tornou-se mais bélica e a caridade amalfitana de seus fundadores perdeu força. Em 1136, o rei de Jerusalém confiou a proteção do castelo de Bethgibelin diretamente aos Hospitalários, no intuito de deter o avanço muçulmano. Seis anos mais tarde, o conde de Trípoli lhes doou o castelo do Crac, uma das fortalezas mais formidáveis no Oriente. Contudo, a vocação militar da Ordem não foi admitida em facilidade. Havia a crença, parcialmente justificada, de que a militarização implicava em desleixos no campo assistencialista da Ordem, e essa tensão evidenciou ainda mais a natureza de suas ingerências beligerantes entre os séculos XII e XIII (GARCÍA et al., 1991, p. 25-37). Após a perda definitiva de Acre, bispos sob os auspícios do Papa Nicolau IV fizeram levantamentos sobre formas alternativas de reforma para a Ordem Hospitalária, no intuito de torná-la mais eficiente na recuperação da Terra Santa. Os potenciais de seu tesouro, maleabilidade e expansividade seriam mais do que suficientes para oficializar e solidificar o embate militar e político com o Islã.

Palavras-chave: Idade Média. Ordem Militar. Hospitalários.